



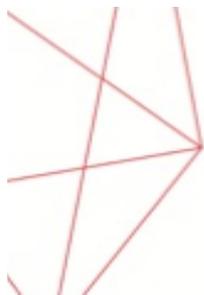
Anais do V Congresso Nacional de pesquisadores em Dança
ANDA 2018 / Manaus
ISSN 2238-1112

Para citar esse documento:

BALDI, Neila Cristina. Pesquisardançando para escreverdançando. *Anais do V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança*. Manaus: ANDA, 2018. p. 180-192.

Ananda associação nacional de
pesquisadores em dança

www.portalanda.org.br



PESQUISARDANÇANDO PARA ESCREVERDANÇANDO

Neila Cristina Baldi¹

RESUMO: Este texto discute como uso de metodologias dentro do escopo da Prática como Pesquisa pode interferir na escritura de pesquisas. A pesquisa que resultou em uma escrita acadêmica outra foi realizada a partir de uma metodologia mista: autobiografia (FINGER, NÓVOA, 2010; PASSEGI, ABRAHÃO, 2012) e somático-performativa (FERNANDES, 2014; FERNANDES, 2012). Outros contornos metodológicos pressupõem outras escrituras. Neste sentido, a discussão aqui apresentado é de que se uma pesquisa pode ser feita dançando, então, sua escrita também pode ser dançada. A produção acadêmica advinda desta pesquisardançada é uma escrita performativa, no formato de cartas. Desta forma, o texto é corporificado, inclusive com o relato de bastidores da produção da tese e o resultado advindo da mesma não é apenas seu problema de pesquisa, mas também a escritura da tese.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa somático-performativa. Pesquisa autobiográfica. Pesquisardançando. Escreverdançando. Escrita.

TO RESEARCHDANCING FOR TO WHITEDANCING

Abstract: This paper discusses how use of methodologies within the scope of Practice as Research can interfere in the writing of researches. The research that resulted in a different academic writing was done from a mixed methodology: autobiography (FINGER, NÓVO, 2010; PASSEGI, ABRAHÃO, 2012) and somatic-performative (FERNANDES, 2014; FERNANDES, 2012). Other methodological outlines presuppose other scriptures. In this sense the discussion presented here is that if a research can be done by dancing then your writing can also be danced. The academic production coming from this researchdancing is a performative writing, in the format of letters. In this way, the text is embodied, including the behind-the-scenes of the production of the thesis and the resulting is not only its research problem, but also the writing of the thesis.

KEYWORDS: Somatic-performative research. Autobiographical research. Researchdancing. Writedancing. Writing.

Realização:



SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT

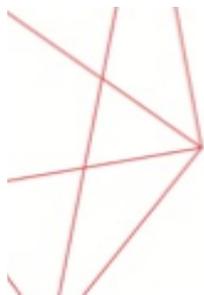


PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Diversas são as metodologias utilizadas para a pesquisa em Dança. Nos últimos anos, tem crescido o uso de metodologias dentro do escopo da Prática como Pesquisa - *Practice as Research* – PaR (BARRET; BOLT, 2007 apud FERNANDES, 2014) ou da *Investigación Baseada en las Artes* – IBA (HERNÁNDEZ, 2013). No entanto, nem sempre pesquisar a partir de novas metodologias tem resultado em escrever a partir de novos paradigmas, o que parece soar contraditório, afinal, se estamos pensando sob outra perspectiva, nada mais comum que escrevêssemos também sob outro prisma. Ou dito de outra forma, “[...] não se pode escrever diferente, salvo se se pensar diferente. Pois escrever é já organizar o mundo, é já pensar (aprender uma língua é aprender como se pensa nessa língua).” (BARTHES, 2005, p. 202). Faria todo sentido, portanto, uma escrita acadêmica outra para pesquisas outras...

Ocorre que, se o uso de metodologias mais alternativas, que não se inserem nas classificações de quantitativas ou qualitativas, parece ter ganhado força em vários programas de pós-graduação, sobretudo das Artes e da Educação, o formato das teses, dissertações e artigos, muitas vezes segue os padrões ditos acadêmicos. É por isso que Larossa (2003, p. 108) diz que: “Parece-me sintomático que no território acadêmico se problematize o método e não a escrita.” No entanto:

Nosso trabalho na academia tem a ver com o saber, é basicamente um trabalho com palavras. O que fazemos a cada dia é escrever e ler, falar e escutar. A partir disto, poderíamos dizer que o conformismo lingüístico está na base de todo conformismo, e que falar como Deus manda, escrever como Deus manda e ler como Deus manda, ao mesmo tempo, é pensar como Deus manda. **Também poderíamos dizer que não há revolta intelectual que não seja também, de alguma forma, uma revolta lingüística**, uma revolta no modo de nos relacionarmos com a linguagem e com o que ela nomeia. Ou seja, que não há modo de "pensar de outro modo" que não seja, também, "ler de outro modo" e "escrever de outro modo". (grifo meu) (LAROSSA, 2003, p. 102)

Além disso, Olendzki (2017, p. 225) nos lembra que:

Realização:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT

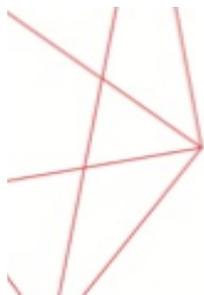


PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Os padrões de produção e escrita tidos como acadêmicos e científicos implicam valores, juízos e formas de poder, que **condicionam modos de pensar e agir**. Não podem ser simplesmente sustentados “como se” assim é ou assim sempre foi. Não se trata simplesmente de uma negação fortuita das formas dadas e instituídas de escrita e organização de teses e dissertações, mas do exercício crítico e criativo para abertura de procedimentos e outros formatos que permitam tornar a linguagem – a escritura – consonante e afetável pelos conteúdos que trata de formas de expressão não linguísticas, tais como temas, processos e resultados artísticos. (grifo meu)

Neste sentido, este texto apresenta como uma metodologia mista de pesquisa, utilizada no Doutorado, a partir da pesquisa somático-performativa e da autobiografia, se reverberou em uma escrita performativa, no formato de cartas. Ou seja, tendo como ponto de partida o pensamento de que, se estamos falando de dança, sobre dança, a partir da dança, com dança, nada mais natural que se utilize uma metodologia em movimento, este texto propõe que pesquisardançando pressupõe, então, um escreverdançando. Desta forma, discute que o pensar a partir de uma metodologia que parte do movimento dançado, a escrita também esteja em movimento.

Pesquisardançando

Segundo Fernandes (2014), a Pesquisa Somático-Performativa tem como principais eixos o Sistema Laban/Bartenieff e o Movimento Autêntico e está situada na PaR. A autora afirma ainda que:

Uma pesquisa não precisa necessariamente aplicar a Educação Somática para ser considerada Pesquisa Somático-Performativa. O fundamental é que tenha como eixo ou guia a corporeidade, compreendida como um todo somático, autônomo e inter-

Realização:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT

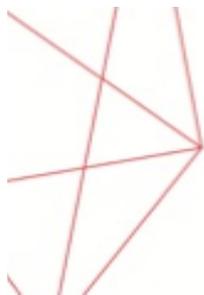


PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





relacional. Ou seja, que o *modus operandi* da pesquisa seja determinado pelas conexões somáticas criativas, ao invés de métodos determinados *a priori* e impostos a um objeto a ser analisado. O estudo também não precisa ser sobre performance ou temas afins, nem mesmo incluir encenação. A abordagem somática informa e se forma a partir da prática performativa processual, e vice-versa, ambas enquanto experiências metodológicas, como maneiras de ativar o estudado incógnita (daí o sentido da pesquisa), dando-lhe *espaçotempo* de manifest(açã)o. (FERNANDES, 2012, p. 3)

Esta metodologia insere-se no contexto da prática como pesquisa, é “[...] uma forma de pesquisa acadêmica em que se busca descobrir e estabelecer novos conhecimentos através da prática, com resultados, muitas vezes, em formas simultaneamente práticas e teóricas.” (FERNANDES, 2015, p. 26) Neste sentido, as abordagens exploratórias práticas estabelecem os percursos da pesquisa - inclusive as escolhas relativas à coleta de dados (FERNANDES, 2015). Não se trata, então, de analisar uma prática, mas ser afetada por esta e no processo dançar com a pesquisa, deixar que as interferências afetem a pesquisa. E, no caso da dança, então, pesquisardançando.

Por sua vez, o campo da pesquisa autobiográfica foi constituído na segunda metade do século XX e abrange histórias de vida, narrativas de si, autobiografias, biografias educativas, pesquisa em formação, entre outros termos que variam conforme os procedimentos, sendo muito usada na Educação. “A pesquisa (auto)biográfica, preocupada com a formação humana e a vida vivida pelo sujeito, busca fundamentar uma epistemologia ancorada em fontes biográficas e autobiográficas para compreender o mundo [...]” (ABRAHÃO; PASSEGI, 2012, p. 19). Enquanto Finger e Nóvoa (2010) lembram que esta metodologia, no campo da educação, tem se constituído tanto quanto instrumento de investigação como de formação.

Além do campo da Educação, o uso de narrativas – uma das formas da pesquisa (auto)biográfica – também aparece nas IBAs e na Pesquisa Educacional Baseada em Artes (Peba), na qual “[...] a ideia do investigador como alguém que está dentro, que sustenta histórias, e não só as coleta [...]” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 47) permite que “[...] o leitor se sinta

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT

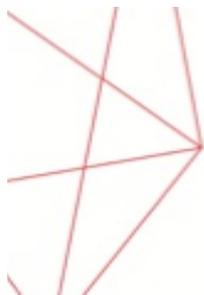


PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





motivado a refletir sobre suas próprias experiências a partir do diálogo com o relato que lhe propõe o investigador.” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 48)

Para Passegi *et al.* (2012, p. 40-41): “Traduzir a vida em palavras promete ao narrador [...] clarificar suas atitudes e decisões e [...] aprender a compor versões suficientemente boas de si para melhor agir no mundo.” No caso da minha tese, tratava-se de um narrar duplo – a minha narrativa, expondo, durante a tese, inclusive seus bastidores, e as narrativas de minhas alunas e alunos, pois apresentava, no trabalho, como era para eles(as) a aprendizagem do balé clássico a partir de outra perspectiva metodológica. Suas vozes foram essenciais para a minha escrita: havia a minha autobiografia e a deles(as).

É possível verificar que as metodologias utilizadas para a pesquisa da tese de Doutorado propunham um tipo de movimento, eram metodologias em movimento, pois entendem a processualidade como componente da pesquisa. Ora, Freire (2000, p. 45) dizia que “a coerência não é um favor que fazemos aos outros, mas uma forma ética de nos comportar.” É preciso, portanto, ser coerente com a pesquisa e, então, que a escrita também seja. Por isso propor outra escritura acadêmica, neste caso, é ser coerente com a metodologia de pesquisa, que é naturalmente dançante, em movimento, uma vez que:

Escrever subvertendo a escrita, não tem relação aqui com a mera atitude de romper regras. Consideramos a importância da escrita produzida na Academia, mas atentamos, a partir de deslocamentos conceituais de escrita, que é possível compor textos acadêmicos, também válidos, utilizando outros modos de escrita. (RIBETTO; NASCIMENTO, 2017, p. 12)

Ser coerente com uma pesquisa em dança pode significar escreverdançando e um dos modos de realizar este tipo de escritura é a escrita corporificada, “[...] uma alternativa à escrita

Realização:



SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT

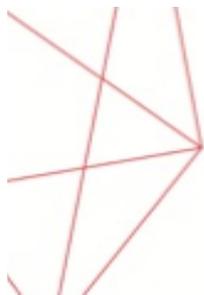


PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





científica e profissional, que parece ressecada da vivência do corpo.”¹ (ANDERSON, 2002, p. 40) Para a autora, “ao escrever a partir dessa perspectiva do corpo, o escritor (ou investigador) registra, por escrito, as formas sutis que o corpo responde à experiência e imbui sua escrita com a rica textura sensorial dessa experiência.”² (ANDERSON, 2002, p. 41) Em minha tese de Doutorado, a partir de uma pesquisadançada, propus, então, uma escritadançada que, muitas vezes, era também corporificada. No entanto, como bem lembra Rodrigues (2006, p. 108): “Contudo, não se trata de uma operação de substituição, de trocar um modelo por outro. Não se trata de aniquilar uma forma para reeditar outra como salvacionista. Nem de regulamentar um novo regime de escrita.” Mas, sim, outra forma que, para mim, era coerente com minha pesquisa.

Escrita esta que foi feita a partir de cartas, pois: era uma forma de fazer alusão à Noverre³, uma vez que a pesquisa propunha reformulações para o ensino do balé clássico; era um recurso literário que dialoga com o objeto (artístico), trazia uma ‘leveza’ ao trabalho, quase que como uma conversa com o(a) leitor(a) e, por fim, ao se utilizar da autobiografia, trouxe a escrita dos(as) alunos(as) – inventários, diários e reflexões – que eram devolvidas em formas de cartas. Portanto, a escritura da tese tinha coerência com o processo.

Processo de escritura

¹ Developed as an alternative to scientific and professional writing that seems parched of the body's lived experience, embodied writing attempts to presence the embodied experience of the reader for reads as they read. (ANDERSON, 2002, p. 40)

² No original: In writing from this perspective of the body, the writer (or researcher) records in writing the subtle ways the body responds to this experience and imbues his or her writing with the rich sensorial texture of that experience (ANDERSON, 2002, p. 41)

³ Jean-Georges Noverre (1727-1810), autor de Cartas sobre a dança, obra que, a partir de críticas aos balés de sua época, propõe uma reforma para a dança.

Realização:

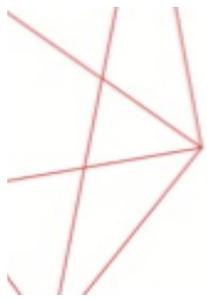


Apoio:



Fomento:





Fernandes (2013, p. 20) pergunta como é escrever sendo “[...] coerente com a(s) dança(s), isto é, *escreverdançando* ou *dançarescrevendo* como atos de igual valor, constituição e consistência?” Para conceber uma escritadançante, me cerquei de várias estratégias. Primeiro, percebi, no processo de pesquisa, a necessidade de uma escrita outra. Ao deixar fluir esta outra escritura, a fiz por meio de cartas e, neste momento, fiz algumas escolhas políticas. Entre elas, a escolha do(a) interlocutor(a): tu, pois sou gaúcha e no meu estado usamos o pronome tu, ao contrário da maioria do país, que emprega o você. Outra escolha foi o modo. Freire (2002) dizia que na simplicidade da conversa havia muita profundidade. Em *O caminho se faz caminhando*, de Freire e Horton (2002), em um dado momento, Freire fala que a conversa entre os dois – o livro é todo em forma de diálogos – será coloquial, “[...] mas sem perder de vista a seriedade de pensar quando falamos. O objetivo é ter uma boa conversa, mas em um tipo de estilo que torna mais fácil ler as palavras”. A ideia era uma escrita simples, na qual a pessoa que lia as cartas tivesse a sensação de estar conversando comigo. Mais uma motivo para a escolha das cartas, o quanto elas podem ser extremamente pessoais, quase que como diários. Outras duas escolhas políticas foram o uso das diferentes formas de gênero – acolhendo feminino e masculino – bem como a escolha preferencial por autoras, uma vez que tanto na Dança quanto na Educação nós, mulheres, somos maioria.

Para a escritura da tese, fui elaborando as cartas à medida da necessidade: às vezes as anotações nasciam no Laboratório de Performance⁴, em um legítimo *escreverdançando*; outras vezes uma música, um texto literário ou um lugar – durante a escrita viajei bastante – inspiravam um tema e, a partir disso, passava a escrever. Do mesmo modo, por outras vezes, a partir de um artigo que estava escrevendo, compunha também uma carta. Ou quando ia apresentar parte dos resultados da tese em um congresso, seminário e aproveitava para

⁴ Atividade do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, obrigatória para aquele(as) que têm encenação tanto na pesquisa de Mestrado quanto de Doutorado., sob coordenação da professora doutora Ciane Fernandes.

Realização:



SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT

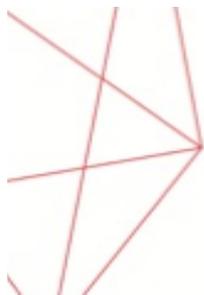


PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





escrever uma carta. Não havia, portanto, uma ordem pré-definida, nem temas a priori. “Eles, os escritos, são movimentos do pensamento como pesquisa, da escritura como pensamento, da escritura como acontecimento, como padecimento.” (RIBETTO, 2009, p. 8)

Durante o processo, as cartas foram sendo lidas e organizadas, de modo a compor os capítulos. Assim, juntava aquelas que tinham conteúdos relacionais e ia fazendo a estrutura dos capítulos. Em um processo de:

[...] escrita desorganizada e desordenada nos conteúdos que reúne, distante de um detalhado planejamento hierárquico daquilo a expressar. Nenhuma estrutura definida previamente a ser seguida. Nem procedimentos por divisões, nem em itens e subitens. (RODRIGUES, 2006, p. 52)

Algumas eram reescritas – há no final de cada carta a cidade e a data, tanto da primeira escritura quando das reescrituras - e outras escritas à medida que sentia falta de algum tema. “Não se trata de escrever sobre, mas de escrever na. Escrever na experiência” (RIBETTO, 2016, p. 59). Trata-se, de uma escrita das necessidades e impulsos e, ao mesmo tempo, fragmentada. Como diria Lispector (1980, p. 49): “O que te escrevo não tem começo: é uma continuação... [...]”. Um ir-e-vir, como a dança. Um processo em que se:

Lê e relê a escritura, encontrando ditos e contraditos. Nas farpas, abres brechas para ressoarem com outros escritos. Estás saboreando deixar-te habitar pela estranheza?! Não somente apropriações, por vezes, sensações. Assim, o conjunto parece proliferar. Escreves, escreves e escreves sem tanto juízo, ainda que tuas palavras te pareçam alheias. Voltas às anotações. Há murmúrios que escutas como confusão. Tropeças nos detalhes. Motivo para continuares deslizando nas frases atônitas, parágrafos truncados, fragmentos rasurados. Tentas desenhar alguma forma nessa miscelânea. (RODRIGUES, 2006, p. 136)

Realização:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:



Um dançar de idas e vindas, que lembra também uma costura (RIBETTO; NASCIMENTO, 2017), pois quando escrevemos, somos tecelões e tecelãs... Vamos criando fios que se entremeiam, se entrelaçam, constituindo um texto, um corpo, um objeto, mas que, no fundo, são vários fios... E, para isso, no meu caso, recorro a várias estratégias. Entre elas, o aqui e o agora, e autores(as) que também escrevam dançando ou corporificando, como Lispector (1980, p. 54), quando diz: “Agora vou escrever ao correr da mão: não mexo no que ela escrever. Esse é um modo de não haver defasagem entre o instante e eu: ajo no âmago do próprio instante.” Foi por isso que durante a pesquisa, li ou reli diversos livros de Lispector, bem como de outros autores e autoras que escrevessem de modo corporificado ou escrevessem como conversas ou em cartas. Neste sentido, na tese, estão experiências pelas quais passei, os livros que li, os filmes que vi, as músicas que ouvi etc. Tudo o que naquele momento me afetava, mas também tudo o que, ao longo de minha vida consumi, que de alguma forma surgia na minha escrita. Como diz Rodrigues (2006, p. 147):

Deixas-te arrancar das certezas enquanto pretensão universalizante, das normas e dos modelos aceitos como aquilo que há de correto. Movimento da vida transborda nas mais diversas linguagens: música, poesia, literatura, pintura, dança, cinema. Isso te surpreende. Leva-te a outras narrativas. Vale muito mais do que qualquer ilusão cientificista como exclusiva versão da verdade. A teu gosto, tomas variados caminhos e por diversos modos chegas às tuas realidades. Que sejam até mais ou menos eficientes nos resultados alcançados, mas é o teu estilo como fruto das contradições, dos antagonismos, das tensões e, também, dos encontros vivificados.

Nossa bagagem cultural nos acolhe na hora da escrita, das formas mais diferenciadas. Acolhe-nos dando a forma como escrevemos – todos(as) temos um estilo na nossa escrita. Acolhe-nos também na forma de pensamento, como estruturamos a nossa escrita. E nos acolhe, do mesmo modo, em citações. E, neste sentido, deixar-se ser permeado pelas leituras ao longo da vida é dar ao texto a possibilidade de dialogismos. Deste ponto de vista, acredito, há uma erudição para além daquela das palavras difíceis. Há todo um peso (no bom sentido) de erudição com as escolhas daqueles(as) autores(as) que nos acompanham, ao longo de

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE ENSINO DE MANAUS



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

MANAUSCULT

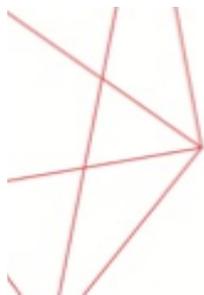


PREFEITURA DE MANAUS



Fomento:





nossas vidas, e que nos ajudam a pensar, para além da pesquisa ou para além do tema do texto em questão. Autores(as) que podem ser poetas, romancistas, artistas visuais, compositores (as) etc. Ribetto e Nascimento (2017) lembram que uma escrita diferenciada pode “[...] causar certo incômodo, nos tirando do lugar de uma escrita tranquilizadora, que segue as normas e aos padrões acadêmicos.” Buscar outros(as) autores(as), no meu caso, me ajudou a encontrar os meus caminhos de escritura: ao mesmo tempo em que eu saía do meu lugar cômodo, estes(as) companheiros(as) de jornada me ajudaram a compor a tese. Acredito que, com isso, habitei:

[...] um regime contemporâneo de escrita: uma outra lógica de tratamento da linguagem que não se obstina em pensar segundo uma imagem dogmática, que não remete apenas à razão, nem busca respostas exatas para suas indagações. Um regime, preferencialmente, focalizador de procedimentos da diferença em um universo habitado pela falta de linearidade, pelo fragmentário, pelo equívoco, disperso, pelo lapso, contradição, impessoalidade. Tal regime não exclui, mas procura pôr em fuga os ditames identitários, de semelhança e de gramaticalidade em todo e qualquer regime linguístico imperial, extraindo deles próprios procedimentos de variação. Ora um mais isso, ora um tanto mais daquilo e sempre um enredo produtor em que se enovela a escrita que corre em múltiplas direções. (RODRIGUES, 2006, p. 146)

Considerações finais

Não é fácil sair de um tipo de escrita acadêmica, quando estamos acostumados a um modo apenas. Por outro lado, quando nos deixamos guiar pelo processo, é praticamente ‘natural’ escrever de outro modo. Quando iniciei a pesquisa de Doutorado, imaginei que usaria uma metodologia e, naquele momento, acreditava que faria uma escrita acadêmica padrão. No entanto, à medida que passei a participar do Laboratório de Performance, fui sendo permeada pelo que vivia e fui entendendo que não havia uma metodologia a priori e que esta seria construída. Eu a construí a partir do que estava vivendo – inclusive, com a participação, na época, em um grupo de pesquisa⁵ no campo da Educação, que trabalhava com

⁵ Grupo de Estudos em Territorialidades da Infância e Formação Docente/Formação, Memória, Subjetividade e Territorialidades (Gestar/UESB)

Realização:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





(auto)biografia. Fui entendendo, no processo, que estava utilizando a autobiografia e a pesquisa somática-performativa. Do mesmo modo que foi o processo que provocou, em mim, uma escrita acadêmica outra. Hoje, entendo que foi o pesquisardançando que possibilitou o escreverdançando, potencializado a partir do momento em que percebi isso e busquei, então, criar estratégias que para esta escritura se mantivesse, do início ao fim da tese, dançante. Porque no momento em que fazemos citações, trazemos teorias etc., é fácil se perder nos preciosismos acadêmicos. Então, durante todo o processo, buscava estar conectada comigo, com os meus sentires/fazeres, com meus pensamentos dançantes, para que conseguisse produzir movimentos dançantes na tela do computador.

Acredito que consegui produzir uma pesquisadançada e uma escritadançada, por vezes mais ou menos corporificada. Acredito também que nós, pesquisadores(as), devemos ser coerentes com nossas pesquisas e, se estas demandarem outras escritas, que as abracemos e as busquemos, conscientes que nos tiram dos nossos lugares cômodos e que são quase que uma outra pesquisa – pesquisar uma escrita acadêmica outra – como propõem Rodrigues (2006) e Ribetto (2009). Minha tese falou de aprenderensinar balé clássico a partir de uma perspectiva metodológica outra e, porque buscou olhar para um fenômeno a partir de outro ângulo, o fez com uma metodologia de pesquisa mista – também outro ângulo dentro das grandes classificações das metodologias de pesquisa – e, isso, inevitavelmente, provocou uma escrita outra.

Referências:

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. PASSEGI, Maria da Conceição. Apresentação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. PASSEGI, Maria da Conceição. (Org). **Pesquisa (Auto)biográfica** – Temas transversais. Natal, Salvador, Porto Alegre: Edufrn, Eduneb, Edipucrs, 2012. p.19-26

Realização:



COORDENADORIA
DE INOVAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT

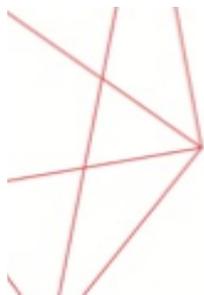


PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





ANDERSON, Rosemarie. Embodied writing: Presencing the body in somatic research, Part I, What is embodied writing? **Somatics**, Novato, v. .8, n. 4, p. 40-44, spring/summer, 2002.

BARTHES, Roland. **A Preparação do Romance II: a obra como vontade: notas de curso no Collège de France 1979-1980**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FINGER, Mathias. NÓVOA, António. Introdução. In: FINGER, Mathias. NÓVOA, António. **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: Edufrn, 2010. p.19-30

FERNANDES, Ciane. Quando o Todo é mais que a *Soma* das Partes: somática como campo epistemológico contemporâneo. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 9-38, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/presenca>> Acesso em: 21 abr. 2015

_____. Pesquisa somático-performativa: sintonia, sensibilidade, integração, **Art Research Journal**, Brasil, Vol. 1-2, 2014, p. 76-95.

_____. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. **Dança**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2013.

_____. Movimento e Memória: Manifesto da Pesquisa Somático-Performativa. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRACE. **Anais...**, X, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

FREIRE, Paulo. HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando** – conversas sobre educação e mudança social. São Paulo: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação** – cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

LAROSSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade**, v. 28(2), jan-jul/2003, p. 101-115.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HERNÁNDEZ, Fernando. A pesquisa baseada nas Artes: propostas para pensar a pesquisa educativa. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (org.). **Pesquisa Educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria : Ed. Da UFSM, 2013. p.39-62

OLENDZKI, Luciane de Campos Olendzki. Repensar-se, reescrever-se: das possibilidades de escritura da pesquisa em artes da cena na academia. **Conceição | Concept**. Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 213–228, jul./dez. 2017

PASSEGI, Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari. Reflexividade autobiográfica: jogos do imaginário, esquecimento e memória. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; ZANELLA, Andriusa

Realização:



Apoio:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT

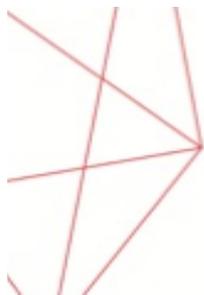


PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Kemel (org). **Escritas de autobiografias educativas**: o que dizemos e o que elas nos dizem? Curitiba: CRV, 2011.

RIBETTO, Anelice. NASCIMENTO, Rejane. Caminhos de uma pesquisa: a costurografia como outra escrita acadêmica. **Revista Digital do LAV** – Santa Maria – vol. 10, n. 3, p. 05 - 16 – set./dez. 2017 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734829916>

RIBETTO, Anelice. Experiência, experimentações e restos na escrita acadêmica. In: CALLAI, Cristiana.; RIBETTO, Anelice. (Org.). **Uma escrita acadêmica outra**: ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

_____. **Experimentar a pesquisa em educação e ensaiar a sua escrita**. Tese de Doutorado, Educação, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Federal Fluminense, 2009.

RODRIGUES, Carla Gonçalves. **Por uma pop'escrita acadêmica educacional**. Tese de Doutorado, Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

ⁱ Neila Baldi é professora assistente do Curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Líder do Grupo de Pesquisa sobre (Es)(Ins)critas do/no corpo (Corpografias). Email: neila.baldi@ufsm.br

Realização:



SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Apoio:

Fomento: